

## Mediação em contexto comunitário. Etnografia crítica de um caso

**Isabel Freire,**

**Ana Paula Caetano**

*“Necessitamos de uma visão de coexistência;  
nós pertencemos uns aos outros; não podemos fragmentar a realidade.*

*O bem-estar ‘deste’ é o bem-estar ‘daquele’, de maneira  
que temos de fazer as coisas juntos.*

*Cada parte é ‘nossa parte’; não há uma ‘parte má’ ”*

*Thich Nhat Hanh, In Muldoon, B. (1998, p.183)*

### **Resumo**

Neste artigo apresentam-se várias facetas da mediação implementada no projeto “Fronteiras Urbanas: a dinâmica dos encontros culturais na educação comunitária”<sup>1</sup>, desenvolvido numa vila próxima de Lisboa. O projeto tem subjacente os conceitos de educação comunitária e intercultural, que se promove no encontro entre a comunidade académica e duas comunidades locais. Apoiado numa metodologia de etnografia crítica, envolvendo populações politicamente excluídas, assume com elas um compromisso ético e político. A mediação é entendida como um processo transversal a três dimensões nucleares: a alfabetização crítica (Freire, 1980), as histórias de vida e a cartografia múltipla.

A análise dos processos reporta relações entre a emergência de figuras e redes de mediação e o desenvolvimento de processos de emancipação das comunidades locais, e problematiza a sua sustentabilidade e autonomização.

### **Educação e mediação comunitárias**

A preocupação com a educação focada na construção de comunidades que procuram coletivamente o bem comum é central neste projeto. O conceito de comunidade, utilizado está para além da sua circunscrição no espaço e no

---

<sup>1</sup> Projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência PTDC/CPE-CED/119695/2010), tendo como investigadora responsável Mónica Mesquita. O projecto ainda se encontra em curso.

tempo. Baseia-se na partilha de significados, na construção de relações intersubjetivas e de mútuo reconhecimento. Este conceito de comunidade é atualmente um conceito chave, pois que pode ser estimulador do desenvolvimento das relações humanas, da afetividade, da responsabilidade, da participação cívica, do bem e da justiça. As comunidades proporcionam ao ser humano sentimentos de pertença e de proteção que permitem resgatar essa dimensão coletiva do ser humano (Silva, 2001), resistir a situações de degradação e devolver dignidade às suas vidas.

A designação de mediação comunitária é aqui entendida como um conjunto de processos que favorecem e intensificam as relações que ocorrem no interior de uma determinada comunidade e entre comunidades, e concorrem para a construção de uma identidade cívica comum, de uma cidadania coletiva. Constituem-se como um conjunto articulado de âmbitos e redes de mediação, que incluem, entre outras, a mediação linguística, intercultural e de conflitos.

Partimos de uma conceção ampla de mediação, que está para além do conceito de mediação de conflitos, embora o integre, ou seja, entendemos a mediação como um espaço de encontro e de promoção de dinâmicas de participação cidadã em que as pessoas que vivem em situação de exclusão e de flagrante injustiça social são coletivamente construtoras das soluções para os seus problemas (Gimenez, 2010). O foco não é o conflito, mas este é integrado naturalmente nos processos de mediação, pois é entendido como um desafio com potencial transformador.

Parte-se de uma filosofia de mediação, cujo cerne e principal finalidade é a promoção de um “espírito mediador” (Corbo Zabatel, 1999). Neste sentido pretende-se favorecer a emergência e a expansão de redes de mediação, conetadas com as dinâmicas sociais e educativas promotoras do desenvolvimento das comunidades. Como Márquez-Garcia (2011) defende, esta perspetiva da mediação visa promover “uma cultura que deve ser partilhada e uma ação pedagógica que supõe a transformação do quadro relacional, implicando todos enquanto mediadores e educadores”(p.311).

Trata-se de uma visão onde as fronteiras e as relações entre o local e o global se complexificam, onde o conhecimento e a ação se constroem

mutuamente numa reflexividade crítica, onde a escuta, o diálogo e o cuidado pautam os processos relacionais e onde se tendem a diluir os papéis (Correia & Caramelo, 2003).

### **Metodologia de investigação**

O projeto Fronteiras Urbanas (FU) enquadra-se, sob o ponto de vista metodológico, na perspetiva da etnografia crítica (Gérin-Lajoie, 2009), que utiliza os procedimentos e técnicas da etnografia clássica visando, contudo, envolver os membros das comunidades em processos de mudança intencionais, para os quais a etnografia concorre proporcionando informação e visão crítica.

Os dados que estão na base deste artigo resultam do cruzamento da análise de informação proveniente de entrevistas de *focus group*, com membros das comunidades locais, e uma entrevista semidiretiva com a responsável do projeto, cujo objetivo principal foi a recolha de narrativas de dinâmicas de mediação.

### **As dinâmicas de mediação nos processos de educação comunitária no projeto FU**

#### *Contextos e âmbitos de mediação*

Em consonância com a conceção de mediação de que partimos, não foi predefinido qualquer plano para a mediação nem tão pouco se pretendia instituir um dispositivo próprio e específico de mediação. Assumiram-se os movimentos espontâneos, ou pelo menos não pré-determinados, como aqueles que fazem sentido e que dão sentido aos processos de participação coletiva das pessoas nas comunidades, na busca do bem comum.

A mediação foi sempre entendida como um processo de facilitação da comunicação no interior dos sistemas ou entre eles, sempre que aquela se encontrasse de algum modo dificultada ou inexistente, sendo assumida quer como uma resposta a situações de conflito, quer como uma ferramenta de encontro entre pessoas, grupos ou comunidades, facilitadora do diálogo e preventiva de situações de escalada do conflito.

No quadro abaixo apresentam-se os diferentes âmbitos da mediação e os contextos em qua essa mediação emergiu.

*Quadro 1 – Contextos e âmbitos de mediação*

<i>Âmbitos da mediação</i>	<i>Contextos e processos de mediação</i>
Mediação de conflitos (intracomunidade e entre as comunidades e entidades exteriores)	Ligação com autoridades locais e outras organizações locais Relações entre membros de uma comunidade
Mediação linguística e intercultural (nos processos de alfabetização crítica, que incluem a promoção de práticas culturais, como o batuko ou o kriolu),	Alfabetização: mediação cultural e linguística Grupo de batuko
Mediação entre educação informal e formal (ligação entre a educação no bairro e na escola/centros de formação)	Ligação com escolas e centros de formação
Mediação social entre comunidades participantes no projeto (comunidade de pesca, comunidade de bairro e comunidade académica)	Colaboração entre líderes de diferentes comunidades Apoio à criação de uma Comissão de moradores
Mediação social entre comunidades e sociedade	Iniciativas de divulgação do projecto, com a presença das três comunidades Debates em fóruns de participação pública Desenvolvimento de projectos de arquitectura por alunos da Universidade Autónoma Desenvolvimento de um projeto de cozinha comunitária

A mediação de conflitos emergiu da necessidade quer de responder às situações de violência física por parte das autoridades policiais sobre os membros de uma das comunidades, quer às situações de negligência sistemática das autarquias locais face aos direitos básicos desses mesmos moradores (direito ao acesso à água e à habitação). Estes casos foram

implicando membros de todas as comunidades, em diversas iniciativas, algumas das quais integradas no âmbito da alfabetização crítica ou de cartografia ou da cartografia múltipla. Pontualmente, a mediação de conflitos surgiu face às dificuldades de comunicação entre membros de uma mesma comunidade.

A mediação linguística surgiu fundamentalmente no contexto da alfabetização. As senhoras que integravam a “escola”, todas cabo-verdianas, cuja língua materna é o kriolu, falam português com alguma dificuldade. A alfabetização foi feita em língua portuguesa e, foi direccionada para a iniciação à leitura e à escrita da língua portuguesa. Nesse sentido, teve uma grande importância o papel de uma das alfabetizadoras, uma jovem cabo-verdiana da comunidade local, com bom domínio das duas línguas.

No quadro dos encontros entre as duas línguas e entre as diversas culturas em diálogo, os processos de mediação intercultural<sup>2</sup> criaram condições para a promoção de práticas culturais de reconhecimento mútuo entre as quais destacamos a criação, desenvolvimento e divulgação de um grupo de batuko<sup>3</sup> e de um grupo de teatro, assim como a criação de uma escola de kriolu, a criação de uma associação de pescadores (Associação Ala-Ala) e a realização de sessões de poesia e de partilha de histórias de vida, com a participação de todas as comunidades envolvidas.

Destacam-se também os processos de mediação realizados entre a educação não formal e formal, ou seja, em determinados momentos foi assegurada a continuidade entre a formação no quadro da alfabetização de adultos no bairro e o acesso à formação no quadro dos programas formais de formação de adultos proporcionados pelo sistema educativo, através de centros de formação e de escolas profissionais.

---

<sup>2</sup> Entendida como uma “modalidade de intervenção de uma terceira parte, em e sobre situações sociais de multiculturalidade significativa, orientada para a consecução do reconhecimento do Outro e para a aproximação das partes, a comunicação e a compreensão mútuas, a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência, a regulação de conflitos e a adequação institucional, entre actores sociais ou institucionais etnoculturalmente diferenciados” (Gimenez, 1997, 142).

<sup>3</sup> Género musical originário da ilha de Santiago, Cabo-Verde, cujos elementos são: o ritmo, o canto e a dança.

É ainda relevante realçar um sentido processual de mediação, entendendo-se aqui o imbricado de iniciativas que alimentam simultaneamente as principais tarefas do projeto – alfabetização crítica, cartografia múltipla e histórias de vida.

### Figuras de mediação

Estes diversos âmbitos de mediação não são estanques. Nas suas dinâmicas criam-se rede de mediações e de mediadores que refletem a presença de papéis e níveis de mediação diferenciados, mas sobretudo complementares.

Podemos assim, identificar os mediadores locais e também académicos cuja ação se desenvolve de forma articulada e simultaneamente autónoma, tendo sempre como elo principal de ligação a líder do projeto. Aos mediadores académicos coube, por um lado, o papel e a responsabilidade de promover a reflexão sobre as dinâmicas e as práticas e ajudar a todos na conscientização dos papéis desempenhados nos processos de formação. Por vezes, em situações mais complexas e com grande envolvimento dos mediadores locais, os académicos assumiram pontualmente a liderança dos processos. Noutras situações em que o conhecimento cultural, intercultural ou das dinâmicas locais necessitava ser mobilizado, foram os mediadores locais a liderar os processos iniciais. Ou seja, as lideranças foram surgindo de forma articulada e complementar, num quadro de relações horizontais de poder, liberdade e respeito mútuo.

A análise das dinâmicas de mediação reflete um adensamento do tecido social formado pela intensificação qualitativa e quantitativa das interações que se estabelecem, das colaborações entre projetos, das solidariedades humanas. Esta realidade foi potenciada pelo projecto FU, dando continuidade a outro projeto anterior, o Projeto D.A.R à Costa, integrado no Programa Escolhas<sup>4</sup>, no qual já tinha sido promovida a prática da mediação na comunidade.

---

<sup>4</sup> O *Programa Escolhas* é um programa português de nível nacional integrado numa organização governamental designada Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural [ACIDI ; ver [www.acidi.gov.pt](http://www.acidi.gov.pt)]. O Programa Escolhas encoraja e financia projetos

Trata-se, portanto, de uma mediação informal, que cada um assume dentro do âmbito da sua atuação e que a existência do projeto promove, ajudando a dar-lhe sentido e consistência. Algumas das pessoas mais ativas durante o projeto já eram mediadores naturais, no sentido de exercerem uma liderança e um papel educativo fortalecedor de coesão social. Outras emergiram ou tornaram-se mais conscientes desse papel, assumindo-o deliberadamente, na ligação com iniciativas que o projeto lançou ou apadrinhou.

*Impacto dos processos de educação e mediação comunitárias na vida das comunidades*

Não é nossa intenção identificar os impactos específicos da mediação em todo este projecto, o que não faria sentido, dado que a mediação surgiu de forma verdadeiramente integrada no desenvolvimento de todo o projeto de educação comunitária. No nosso ponto de vista, o impacto principal que a mediação em si teve no desenvolvimento das dinâmicas sociais e culturais que se operaram, foi a facilitação dessas mesmas dinâmicas e o aprofundamento dos processos de conscientização proporcionados pelas mesmas. A este propósito é paradigmático o discurso de uma das moradoras do bairro: *“o bairro agora esta muito melhor do que antes, porque antes o bairro era desorganizado e agora está perfeito, está mais completo, com sintonia ... com as aulas de alfabetização, batuque e as brincadeiras, os nossos corações ficam cheios de alegria e no bairro ficou tudo em sintonia, sossegadinho e mais alegre. Antes o bairro era muito sem graça, desorganizado... antes eu ficava em casa sozinha e triste, mas desde que comecei as aulas de alfabetização e o batuque o coração enche-se de alegría...”*

No que respeita à alfabetização crítica e aos processos de mediação que lhe estão associados, numa primeira fase, observou-se um “processo de aproximação à cultura dominante, mais do que a promoção da sua”. Em parte inversamente, as dinâmicas culturais que conduziram à formação do grupo de

Batuko Nós Herança (Nossa herança), constituiu um processo de afirmação da cultura de origem, com alguma abertura a experiências de encontros culturais. A título de exemplo refira-se o depoimento de uma das batukaderas sobre a apresentação do grupo numa exposição de artes plásticas em Lisboa (de autoria de um dos membros da comunidade académica).

*“R - A gente estava contentinhos até uma da noite. A batucar enquanto a gente estava ao pé de nós. (...) As pessoas agradecem e ficam muito contentinho, agradece a gente.”*

Vejam-se, ainda, alguns exemplos de falas de outros membros do grupo de alfabetização:

*“M. –Senti muito bem mesmo, porque agora já sei pôr o meu nome, já não põe dedo na tinta. O principal é isso. É mesmo bom, estou muito agradecida.”*

*V. – «Desde que entra batuko, o bairro fica mais uns com os outros ... Agora estou na nha escola, no nho batuko, o coração fica mais alegre.»*

Os processos de organização da comissão de moradores de uma das comunidades (Bairro), com os consequentes contactos com autarquias e outras organizações, e a participação de vários membros da comunidade local no processo de cartografia do bairro clandestino, constituíram processos vividos de democracia interna orientados para a defesa dos direitos das comunidades, que agregaram as três comunidades e constituíram verdadeiros reencontros culturais no seio da comunidade Bairro, fortalecendo os laços entre diferentes grupos e reforçando, assim, o sentido de comunidade.

Numa perspetiva mais interna às comunidades, estes são alguns dos impactos específicos que podemos identificar em todo este processo, contudo encontram-se alguns indícios de mudança positiva na ligação da comunidade Bairro com a comunidade mais alargada. Por um lado, a comunidade passou a ter visibilidade perante as autarquias, tendo sido aprovado o projeto de uma cozinha comunitária, fundamental para a obtenção de um “ponto de água” dentro do Bairro e para o desenvolvimento da cultura de solidariedade que se vive no bairro. Por outro lado, a relação das autoridades policiais com o Bairro



passou a fazer-se na base de um maior respeito, tendo cessado as situações de violência sobre os moradores. Um elemento das chefias participou mesmo em sessões de alfabetização no Bairro.

### *Algumas tensões e problemas*

Uma ação pautada pelos princípios que temos vindo a referir é acompanhada de tensões, constrangimentos, dilemas e problemas, como é natural em processos sociais complexos. O acompanhamento das dinâmicas de mediação vivenciadas no FU permite-nos identificar algumas dessas tensões, a nível coletivo e individual.

### *Presença/apagamento do mediador*

Quando é que faz sentido realçar a presença do(s) mediador(es)? Quando é que esta se deve apagar, garantindo a liberdade do(s) outro(s) para decidir(em) por si próprio(s) e o posicionamento equidistante do(s) mediador(es)? Como dizem Six e Mussaud (2002), é necessário criar condições para que o mediador possa agir «não agindo». Esta forma de estar tão importante para a mediação, que não tem nada de passiva; é uma prudência, um domínio de si, a atenção ao dinamismo interno das coisas, das pessoas e das situações, um saber deixar morrer, em vez de tudo bloquear através do ativismo, através de uma resposta ou de uma solução prematuras (Oliveira & Freire, 2009).

### *Autonomia progressiva das comunidades*

Os mediadores e as redes de mediação, constituindo-se como verdadeiros agentes de transformação pessoal e coletiva, afrontam estruturas de poder geradoras de dependências, alcançando patamares mais elevados de autonomia. Tais processos envolvem tensões, conflitos e mesmo sofrimento, os quais desafiam os limites da liberdade de cada um, por referência à liberdade do outro. São processos complexos que exigem tempo de consolidação, para que o fortalecimento individual e a coesão social se aprofundem, ao mesmo tempo que sustentam os movimentos de emancipação.

### *Sustentabilidade da mediação cidadã*

Por muito informal que seja a mediação cidadã e por muito que se defenda uma cultura de responsabilidade, colaboração e solidariedade, há necessidade de sustentá-la em formas organizadas que garantam a sua sustentabilidade e que permaneçam dinâmicas. A criação de uma comissão de moradores no bairro promoveu uma dinâmica participativa na sua constituição, mas esta precisa manter-se. A própria comissão precisa desenvolver uma agenda de atuação e hábitos de encontro interno, para debate e decisão colectiva. Este é um processo que pode ser favorecido pela colaboração com outras comunidades. No entanto, é preciso deixar “respirar” as dinâmicas locais e é preciso que os mediadores da comunidade académica progressivamente se “apaguem”, sob pena de se criarem relações de dependência das quais todos ficam reféns.

### **Considerações finais**

No quadro dos processos de educação e desenvolvimento comunitários, a mediação é um caminho para a tomada de consciência de injustiças sociais e de consequente atuação reivindicativa pelos direitos sociais.

Os processos e dinâmicas de mediação criam laços, transformam relações, desenvolvem solidariedades, geram dinâmicas de participação e de pacificação, segurança e confiança, promotoras da afirmação da própria cultura e da interculturalidade.

Trata-se de uma perspectiva cultural da mediação, enquanto projecto da humanidade ou, melhor dizendo, com a humanidade (Boqué Torremorell, 2008).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boqué Torremorell, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.
- Bush, R. & Folger, J. (1996). *La promesa de la mediación. Como afrontar el conflicto a través del fortalecimiento y el reconocimiento de los otros*. Granica.
- Caetano, A. P. & Freire, I. (a publicar). Identités et pratiques culturelles dans un projet d'éducation communautaire. In Louis Basco (dir.). *Être... des valeurs aux pratiques culturelles*. Paris: L'Harmatan.
- Corbo Zabatel, E. (1999). Mediación: cambio social o más de lo mismo? In F. Brandoni (Ed.). *Mediación escolar. Propuestas, reflexiones y experiencias*. Buenos Aires: Paidós.
- Correia, J.A. & Caramelo, J. (2003). Da mediação local ao local da mediação: figuras e políticas. *Educação, Sociedade e Culturas*, 20, 167-191.
- Freire, P. (1980). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gérin-Lajoie, D. (2009). A aplicação da Etnografia Crítica nas Relações de Poder, *Revista Lusófona de Educação*, 14, 13-27.
- Giménez, C. R. (2010). *Interculturalidade e Mediação*. Lisbonne : ACIDI.
- Gimenez, C R. (1997). La Naturaleza de la Mediacion Intercultural. *Revista Migraciones*, 2. Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 125-159.
- Márquez-Garcia, M. J. (2011). *Mediadoras interculturales en centros educativos. Un punto de vista narrativo*. Tese de doutoramento. Almeria: Universidade de Almeria.

- Munné, M. & Mac-Cragh, P. (2006). *Los 10 Principios de la Cultura de Mediación*. Barcelona: Editorial Graó.
- Muldoon, B. (1998). *El corazón del conflicto. Do trabalho ao lar como campos de batalha, compreendendo o paradoxo do conflito como um caminho para a sabedoria*. Barcelona: Paidós.
- Oliveira, A. & Freire, I. (2009). *Sobre ....a Mediação Sócio Cultural*. Lisboa: ACIDI.
- Six, J.-F. & Mussaud, V. (2002). *Médiation*. Paris: Éditions du Seuil.